



J. Cunha

CADERNO DE EDUCAÇÃO





PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA

Caderno de Educação do Ilê Aiyê

MALÊS

A REVOLUÇÃO

Vol. X
Salvador - 2002

ASSOCIAÇÃO CULTURAL
BLOCO CARNAVALESICO ILÊ AIYÊ

Sede provisória:

Rua do Curuzu, 197 – Liberdade – Cep 40365-000

Salvador – Bahia – Brasil Telefax: (71) 256-1013 / 388-4969

Site: www.ileaiye.com.br / E-mail: ileaiye@uol.com.br e bandaiye@aol.com.br



Diretoria:

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda)

Aliomar de Jesus Almeida – Vice-Presidente

Arany Santana Neves Santos

Elizete Matos dos Santos

Hildete Valdevina dos Santos Lima

Jônatas Conceição da Silva

Paulo Raimundo Ferreira Bonfim (*in memoriam*)

Osválzio do Espírito Santo

Wilson Batista dos Santos

Antonio Carlos dos Santos Vovô – Presidente

Fernando Ferreira de Andrade Filho

Dário da Páscoa

Edson Tobias de Matos

José Carlos dos Santos

Maria de Lourdes Siqueira

Paulo Cezar da Costa Cerqueira

Vivaldo Benvindo dos Santos

José Antonio Cunha

Assessores:

Oduvaldo de Jesus Santos

Roberto dos Santos Rodrigues

Edmilson Lopes das Neves

Educadores:

Ana Célia da Silva

Valdina Pinto

Jaime Sodré

Jorge Conceição

Durvalina Cerqueira

Lindinalva Barbosa

Graça Onasilé

Jefferson Soares

Hildeice Benta dos Santos

Jaguaracira Andrade Santos

Sandro Teles

Marivaldo Paim

Clemerson Correia

Dayse Barreto

Elisângela da Hora (Dandha)

Edmilson da Mota

Eliete Matos dos Santos

Daniela Pereira Barbosa



Coordenação Pedagógica: Jônatas Conceição

Pesquisa de texto: Maria de Lourdes Siqueira e Jônatas Conceição

Capa e ilustração: J. Cunha

Produção: ViaDireta Comunicação

Diagramação e Editoração: Helida Rocha

Impressão: Vênture

“AS FORÇAS QUE SE
OCULTAM SEMPRE PARECEM
MAIS PODEROSAS”

Ahuna, Licutan, Sanim
Dandarâ, Manoel Calafate
Alufás do levante na cidade
continuam com o Ilê Aiyê
buscando outra sociedade

(Juraci Tavares e Luis Bacalhau)



BUSCANDO OUTRA SOCIEDADE

Luis Bacalhau & Juraci Tavares

Estampidos ecoam, Liberdade, Liberdade
1835, Salvador, Levante Malê na cidade
À frente Calafate e Licutan
No 25 de Janeiro, o Ramadã
Dia da Glória, grande Glória
A Revolta dos Malês
Página viva mudando a História

Ladeira da Praça, Ioruba, Haussá
Jeje, Mandinga, Nagô em parcerias
Com o grito negro islamizado
A cidade levantou
Seguiram pela Liberdade
E ao Ilê recomendou:
- Ilê, pegue o tambor e ganhe a rua
A chama do Levante é nossa, continua

Ahuna, Licutan, Sanim
Dandarâ, Manoel Calafate
Alufás do Levante na cidade
Continuam com o Ilê Aiyê
Buscando outra sociedade

Malês são muçulmanos na religião
Professando Alá, Alá
Guiados pelo Alcorão
Unidos mirando a cidadania
No Levante Islâmico várias etnias

ILÊ AIYÊ / 2002

MALÊS A REVOLUÇÃO

SUMÁRIO

1. Apresentação	6
2. Malês – A Revolução	8
3. Quem se tornou Malê	09
4. O papel dos Muçulmanos na Rebelião de 1835	11
5. Símbolos da presença islâmica na comunidade africana na Bahia de 1835	14
6. Malês e a Revolta	16
7. O papel da liderança	20
8. As forças que se ocultam sempre parecem mais poderosas	21
9. Perfis Malês	25
10. Glossário	30
11. Antologia Poética	31
12. Sugestões de Atividades Pedagógicas	40
13. Bibliografia	42

APRESENTAÇÃO

MALÊS

A REVOLUÇÃO

“O Islã representou o refúgio dos humildes”

Segundo o historiador João Reis, autor da pesquisa mais completa sobre a Revolta dos Malês: REBELIÃO ESCRAVA NO BRASIL – A HISTÓRIA DO LEVANTE DOS MALÊS – 1835, o Islã teve um papel ambíguo nos movimentos político-religiosos da África Ocidental na primeira metade do século 19. Por um lado representou a Ideologia e inspirou formas de governo de estados geralmente expansionistas. Neste caso foi um aliado do poder, freqüentemente instrumento que serviu a senhores e comerciantes de escravos. Mas por outro lado o Islã representou o refúgio dos humildes. Deu força espiritual, moral e organizativa a pessoas pobres livres e escravizadas. Foi então um instrumento de revolta. Foi principalmente essa segunda tradição do Islã que os africanos escravizados muçulmanos tentaram reinventar no interior da Sociedade Escravista Baiana. Foi esta tradição, também, que mais interessou ao Ilê Aiyê contar no Carnaval de 2002. Apresentamos para você, interessado em conhecer a história real dos diversos segmentos populares que construíram este país um pouco da luta dos Malês.

Com este volume chegamos ao número 10 da coleção CADERNO DE EDUCAÇÃO que o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê vem publicando desde 1995. Esperamos estar contribuindo com estes cadernos para fazer uma Educação comprometida com os ideais de liberdade, justiça social e igualdade racial, pois apenas assim teremos, um dia, um país democrático.

Por fim, queremos deixar registrado que grande parte do texto deste Caderno foi transcrito ou adaptado do livro do historiador João Reis, citado acima.

Salvador, maio / 2002
Axé,

A.Coordenação



02. MALÊS – A REVOLUÇÃO

O Ilê abriu o milênio com um Carnaval de categoria. O Ilê na marcha da história acompanha o ritmo entre África e Brasil, marcando nossa origem africana e a trajetória negra na diáspora em busca de seu objetivo maior que é participar das lutas para construção de uma sociedade sem discriminações e sem desigualdades para todos os africanos e seus descendentes.

A Revolta dos Malês constitui um capítulo da história das lutas negras que têm origem no Continente e continuam nas Américas, nas Antilhas, no Caribe, na Ásia, na Europa, onde quer que os africanos se encontrem.

O caminho humano da vida africana é construído de lutas, de glórias, de diferenças, de buscas que tornam este caminho dotado de uma riqueza diferente no seu jeito de sentir, de pensar, de viver, de ter esperança na vida e na coletividade sempre.

Este ano nosso tema nos leva às raízes históricas dos Malês e a Revolução que se deu na Bahia em 1835. Quem são os Malês? De onde vieram? Quais são as suas tradições, suas culturas, sua história, seus reinos, seus ancestrais, seus antepassados?

Falar dos Malês e a Revolta que ocorreu na Bahia em 1835, significa lembrar como se dá a origem do grupo de africanos escravizados aqui denominados, Malês ou Musulimís – Muçulmanos, Maometanos, filhos de Allah.

Esta denominação que corresponde a negros muçulmanos ou maometanos, cuja procedência se situa entre povos Nagôs, Haussás, Mandinques, Fulanis ou Peuls, Bornus, Adamanás, Minas, Tapas, todos povos Sudaneses da África Ocidental. Segundo as fontes de que se tem notícia.

Os Muçulmanos viviam em todo o Brasil, principalmente São Paulo, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, mas a maior concentração estava na Bahia.

Nas pesquisas a respeito da procedência dos Malês que chegavam à Bahia e são denunciados nos relatos da Revolta encontram-se: Nagôs, Haussás, Jêjes, Minas, Bornu, Cabinda, Congo, Gruma ou Grunci e Tapa.

O islã mesclou diferentes grupos étnicos, guardando seus princípios fundamentais e adaptando-se às circunstâncias de tempo e lugar no Brasil.

As representações principais da origem dos malês estão entre Nagôs e Haussás.

Estes grupos são sociedades altamente desenvolvidas, politicamente independentes, complexas, economicamente avançadas, originárias de um alto nível de civilização de cultura, de tradição religiosa. Neste sentido os Malês unificaram diferenças étnicas, culturais, religiosas, somando os pontos comuns que correspondem a mais profunda tradição africana em

relação a idéia de vida em família, de organização social, de relação com a natureza, de respeito aos mais velhos, de atenção e cuidado com o sobrenatural.

03. QUEM SE TORNOU MALÊ

· OS NAGÔS

Quanto aos nagôs sabe-se que vêm do oeste da Nigéria originários do povo Yorubá constituído de Reinos, de tradições, de culturas da mais fina origem africana. Situados entre o antigo Dahomé, hoje Benin, vivendo numa planície arrodada de lagoas, já em parte islamizados, mas em sua grande maioria nas cidades de Oyó, Benin, Dahomé, praticam a Religião tradicional dos Orixás. São seus vizinhos os Nupes e os Igbo. Estes povos são portadores de um extraordinário espírito de cidadania, de uma organização exemplar, com seu governo hierárquico estruturado sobre princípios e ideários nobres. Toda a sua estrutura e valores são apoiados por sociedades secretas que presidem as atividades políticas e religiosas. Os Yorubás sob um governo aristocrático mantiveram um padrão de desenvolvimento artístico e cultural mundialmente reconhecidos. Os Yorubás mantiveram por muito tempo o exército feminino de alto valor: As Amazonas do Dahomé.

· OS HAUSSÁS

As cidades – Estados Haussás desenvolveram-se situadas entre o Niger e Tchad numa encruzilhada constituída por vias comerciais por eles construídas no interior do país ligando Trípoli e Egito à Floresta Tropical de uma parte e de outra parte o Niger e o Alto Vale do Nilo. Pode-se dizer que os Haussás estão situados na Nigéria Meridional.

As principais cidades do Estado Haussá são Kano, Daoura, Gobir, Katsina, Zaria e Rano. Daoura é a cidade mãe. Em Daoura um dos pontos de maior circulação é o mercado onde se realizam as trocas de bens, de mercadorias das produções locais, dos produtos de subsistência.

A organização familiar se passa entre uma linha de sucessão matrilinear. Kano, cidade de próspero desenvolvimento onde o islamismo é introduzido no século XIV pelos povos do Mali em 1385.

A cidade de Zaria sofreu uma grande invasão e foi salva pela liderança de uma célebre presença feminina a Princesa Amina.

Há muitas lendas a respeito dos povos Haussá que trazem certas semelhanças com a história de Ouagadou bida de Ghana. Conta-se que a rainha Daourama sucedendo a nove outros Reinos viu o seu povo ameaçado por uma serpente que foi morta por um viajante, e o filho deste salvador tornou-se Rei, o Rei Bawa ou Bogoda e seus seis filhos



tornaram-se fundadores das sete Cidades-Estados Haussá: Kano, Daoura, Gobir, Katsina, Zaria, Biram e Rano. Daoura era considerada e resguardada como a Cidade Mãe. Mais tarde outras cidades surgiram e foram vistas como menores e menos autênticas ou bastardas. E ficavam retiradas e com o tempo foram integradas aos Estados - Haussá. Estas novas cidades foram: Kororofa, Illorin, Noupé, Zamfarra e Kebbi.

Os Haussás no contato com outros povos mais ao Sul e ao Sudoeste mesclaram-se com povos diferentes de seu habitat original que ficavam mais ao Norte e a Leste.

As cidades Haussás constituíam grandes fortalezas que se estendiam do Sudão Central, expostas e abertas a todas os tipos de influências, de trocas, de descolamentos.

A cidade de Kano, a rainha das cidades de Haussás reconhecia como seus ancestrais os ferreiros vindos de Lair, chamados os Magowzawa, gente de sucessão matrilinear.

O islã foi introduzido em Kano pelo Rei Yajji através dos Malienses.

O grande muro de fortificação de Kano que ainda hoje existe foi construído. Esse muro tem doze metros de altura e dezoito quilômetros de extensão e sete grandes portas. As guerras nos estados Haussá se passaram contra Katsina e Zaria.

As guerras ferozes entre cidades Haussás as impediram de jogar um papel político dominante. Elas eram comunidades rurais destinadas ao comércio e às artes.

Contavam com um sistema fiscal muito elaborado, inspirado no Corão organizando confiança de impostos sobre gado, terras, produtos de luxo e sobre profissões de acouqueiros, tintureiros entre outros.

Os estados Haussás dispunham de uma economia complexa através da agricultura e do comércio judicialmente articulados em atividades pré-industriais de tecelagem, sapataria, artigos metálicos.

Os estados Haussás desenvolviam uma burguesia comerciante aberta a inovações ao lado de uma aristocracia burocrática.

O Rei era eleito pelos notáveis, o Conselho de representantes eleitos fora dos critérios das sociedades africanas tradicionais.

A religião mulcūmana por outro lado era permeada em sua prática de elementos constitutivos das religiões tradicionais africanas. Estes Estados encontravam-se pelo Sudão Ocidental e Central para além do Sahara.

A língua dos Haussá era falada em toda a parte oriental do Oeste africano. As Metrôpoles comerciantes Haussás constituíam uma pré-nação.

OS EWÉS E FONS (JEJES)

Os reinos de Ifé, Oyó e Benin constituíram organizações políticas que por sua vez tiveram suas raízes em reinos que datam de períodos anteriores, considerados de primeira grandeza: Os Ewés e os Fons do Dahomé. Estes

povos vizinhos dos Minas tem uma origem lingüística em comum com os Yorubás, através da cidade de Ketu.

As chefiarias Ewés nascem em torno de um caçador denominado Afotché que passa o poder a seu filho Agokoli no início do século XVIII.

O poder neste reino se constituía de pequenos cantões que se reuniam em torno de um chefe superior. Para decisões importantes aplicava-se o Conselho de Maioridade com os Príncipes das famílias tradicionais, apresentados pelos mais velhos da família do soberano. Era um tipo de sociedade política fortemente enraizada em forma de organização de linhagens.

MANDINGAS

O Reino de Mali, Malinké, Mandinga o que parece significar homem do mali tem suas origens pouco conhecidas, embora se saiba que se encontram entre o Alto Senegal e o Alto Níger.

Nas colinas do Mandinga os Malinké dispunham de duas vilas principais: Kiri e Dakadiala. A organização principal destes povos era as confrarias de caçadores ligados por celebrações e rituais de iniciação que conferiam prestígio e consolidava posições em suas sociedades. Estes povos foram convertidos ao islamismo no ano 1050. O rei Mallel, o 1º a converter-se ao islã, possivelmente em face ao desespero causado por uma longa seca seguidos de importunos que atingiam a região. Ao converter-se o Rei retirou-se a uma colina onde passou a noite em oração.

Entre todos estes povos havia mesclas que se realizavam principalmente ao atravessarem o Atlântico. Há cantigas que mostram orações coletivas entre Nagôs, Haussás, Jejês. A religião mulcūmana se mescla com elementos das religiões tradicionais africanas. As civilizações Haussás podem ser consideradas civilizações de sínteses em todos os níveis. Um escritor referindo-se à extensão do reino Haussá disse: Kano, a cidade mãe do Estado Haussá vestia dois terços do Sudão e quase todo o Sahara Oriental e Ocidental.

O que há de traço comum a ser generalizado entre estes povos que constituem os Malês é que o islã penetrou lentamente em suas civilizações tradicionais tornando-os em grande parte africanos islamizados.

04. O PAPEL DOS MUÇULMANOS NA REBELIÃO DE 1835

Não há sombra de dúvida sobre o papel desempenhado pelos muçulmanos na rebelião de 1835. Os rebeldes foram para as ruas com roupas só usadas na Bahia pelos adeptos do islã. No corpo dos que morreram, a polícia encontrou amuletos muçulmanos e papéis com rezas



e passagens do Alcorão. Estas e outras marcas levaram à conclusão que a Religião tinha sua parte na sublevação.

Possivelmente o primeiro grande contingente de africanos muçulmanos chegou à Bahia na passagem do século 18 para o 19. É evidente que durante os mais de duzentos anos anteriores de tráfico, muitos africanos vindos da Costa da Mina eram maometanos, entre eles principalmente os mallnkes, aqui chamados mandingos. No século 19 vieram sobretudo os haussás, iorubás (nagôs) e povos vizinhos, vítimas dos polícticos e religiosos que devastaram seus países. Era uma época de expansão do islã na África Ocidental, especialmente na região oeste da atual Nigéria. O islã se movimentava por meios pacíficos, mas ia à guerra sempre que os regimes polícticos tradicionais – que encarnavam a religião tradicional dos orixás – lhe dificultavam a vida.

O islã teve um papel ambíguo nos movimentos políctico-religiosos da África Ocidental na primeira metade do século 19. Por um lado representou a ideologia e inspirou formas de governo de estados geralmente expansionistas. Neste caso foi um aliado do poder, freqüentemente instrumento milenarista que serviu a senhores e comerciantes de escravos. Mas por outro lado o islã representou o refúgio dos humildes. Deu força espiritual, moral e organizativa a pessoas pobres livres que viviam subordinadas aos poderosos protegidos da religião tradicional dos orixás e manteve viva a esperança de libertação de milhares de escravos muçulmanos. Foi então um instrumento de revolta. Foi principalmente essa segunda tradição do Islã que os africanos escravizados muçulmanos tentaram reinventar no interior da Sociedade Escravista Baiana.

Na Bahia de 1835, os africanos muçulmanos eram conhecidos como “malês”. A origem desse termo é muito discutida. O historiador americano R. Kent associou malê com malam, a palavra haussá tomada do árabe mu'allim, que significa clérigo, professor ou mestre – que tem o mesmo significado de “alufá”, palavra iorubána que predominou na Bahia. Por outro lado, Nina Rodrigues, primeiro estudioso competente dos malês, sugeriu que o termo derivava de Mali, o poderoso estado muçulmano da Costa do Ouro. Contudo, a explicação considerada mais sensata até agora é a de Pierre Verger, que associa o termo malê a imalê, expressão iorubá para islã ou muçulmano. Imalê, por sua vez, é apontado como sendo derivado de Mali.

Mali estaria então na origem da origem, na ordem Mali – imalê – malê, que acreditamos a mais correta. Por que o termo malê só aparece na Bahia no século 19? Obviamente por causa da maior presença iorubá, que impôs o nome. No entanto, deve ficar evidente que na Bahia, “malê” não se refere a nenhuma etnia africana particular, mas a qualquer africano que tivesse adotado o islã.



Assim, havia nagôs, haussás, jejes, tapas e possivelmente mandigos – enfim, pessoas pertencentes a diversas etnias – que eram malês.

O islã não constituía uma força religiosa hegemônica entre os africanos na Bahia. Na melhor das hipóteses representava um concorrente de peso, num ambiente cultural que também incluía o culto dos orixás nagôs, o vodun dos jejes, o culto aos espíritos ancestrais dos angolanos – entre outras expressões religiosas africanas. Some-se o próprio catolicismo crioulo e se terá uma idéia do pluralismo religioso da comunidade africana e afro-baiana naquela época. O único grupo étnico cujos membros parecem ter, na maioria, abraçado o islã antes de chegar a Bahia era o haussá; talvez seus vizinhos, os nupes (chamados “tapas” na Bahia) e os bornus. A maioria dos nagôs, etnia majoritária na província, permanecia adepta do candomblé. Mesmo os haussás, embora islamizados, continuavam ainda ligados ao culto de seus espíritos ancestrais.

No entanto, é errado afirmar a exclusividade dos haussás nos negócios islâmicos na Bahia. Como vimos, o islã era uma religião em expansão nos reinos iorubás, e certamente centenas de iorubás muçulmanos aqui aportaram como escravos. Não duvidamos, inclusive, que por volta de 1835 os malês baianos fossem nagôs na sua maioria e não filhos de etnias minoritárias como a haussá ou menor ainda, a tapa. De qualquer modo, os malês-nagôs tinham o poder e prestígio dentro da comunidade mulçumana. Os africanos Ahuna e Pacífico Licutan, talvez as personagens mais importantes da Revolta dos Malês, eram ambos conhecidos mestres malês de origem nagô. Também nagô era o alufá e líder rebelde Manoel Calafate, o liberto em cuja casa a rebelião começou.

05. SÍMBOLOS DA PRESENÇA ISLÂMICA NA COMUNIDADE AFRICANA NA BAHIA DE 1835.

A penetração mulçumana na comunidade escravista se realizava em níveis distintos de profundidade religiosa e de compromisso. Num nível mais superficial encontramos a adoção de símbolos exteriores da cultura mulçumana. Eram particularmente populares os amuletos ou talismãs malês. Os estudiosos do islã africano são unânimes em reconhecer a estima por esses amuletos também na África, apesar da oposição de líderes puritanos. Na Bahia, os talismãs malês eram objetos de uso obrigatório de muçulmanos e não-muçulmanos indistintamente, devido à reputação de possuírem forte poder protetor. Nina Rodrigues observou, no final do século 19, que os negros baianos em geral consideravam os malês “conhedores de altos processos mágicos e feiticeiros”.

A palavra escrita, que os malês utilizavam, tinham grande poder de sedução sobre os africanos só familiarizados com a cultura-oral. Os amuletos



eram em geral feitos com papéis contendo passagens do Alcorão – livro sagrado dos muçulmanos – e rezas fortes. Esses papéis eram cuidadosamente dobrados – operação que também tinha sua dimensão mágica – e colocados numa bolsinha de couro toda costurada. Em muitos casos, além de papéis, outros ingredientes entravam na magia. Alguns amuletos eram feitos com pano-da-costa, pois protegia melhor as palavras e outros elementos protetores.

Outro símbolo da presença islâmica na comunidade africana era o uso de uma roupa toda branca, espécie de camisolão comprido, chamada abadá na Bahia.

O abadá baiano nunca era vestido em público, para evitar a visibilidade do malê e conseqüente perseguição das autoridades policiais, sempre atentas aos estranhos entre os negros. Foi durante a rebelião de 1835 que o espetáculo de centenas de filhos de Alá usando o branco pôde ser visto pela primeira vez nas ruas de Salvador. Por isso as autoridades policiais se referiam ao abadá como “vestimentas de guerra”. Na paz malês só usavam a roupa branca em casa, longe de olhos curiosos, durante suas rezas e rituais.

Se o abadá tinha funções apenas rituais na Bahia, estamos diante de mais uma adaptação/mudança cultural africana face às restrições estabelecidas pela sociedade escravista. Já que não podiam estar em público com suas roupas tradicionais, os malês baianos inventaram uma forma peculiar para se identificarem uns aos outros na rua: o uso, nos dedos, de anéis de metal branco – prata ou ferro. Segundo o depoimento do nagô liberto João, os “anéis brancos eram o distintivo de que usam os daquela sociedade (malê) para se conhecerem”.

06. MALÊS E A REVOLTA

A revolta de 1835 não foi uma explosão espontânea, resultado de apressada decisão, como por vezes acontecera com revoltas escravas anteriores. Houve um período longo de gestação.

Quando os malês se reuniam na rua ou em casa para vivenciar os preceitos de sua religião ou simplesmente para repartir outras dimensões da vida, a ocasião era também de imaginar um mundo melhor. Para alcançá-lo, não descartavam o uso da força. Mas, sua guerra por tempo não passou de uma rebeldia retórica, uma metáfora do conflito social efetivo – comentários rancorosos que exprimiam o desejo de reparação, mais do que a discussão da revolta como objeto concreto. É evidente que após duas décadas de rebeliões de africanos na Bahia, a experiência insurrecional faria parte de qualquer especulação, por menos objetiva que fosse. Mas a



idéia de uma rebelião específica, planejada, datada, certamente foi surgindo aos poucos.

A rebelião aconteceu num momento de expansão do islã entre os africanos que viviam na Bahia. Não sabemos exatamente se ela foi uma consequência natural, um episódio culminante dessa expansão, ou se a busca de novos adeptos à religião já seria parte de um plano de ruptura com a ordem. Acreditamos que tenha havido um pouco das duas coisas. O sucesso dos malês em constituir uma comunidade religiosa relativamente coesa e atraente deve ter inspirado idéias de ultrapassagem dos limites estabelecidos pelo poder dominante, idéias de revolta que, uma vez amadurecidas, levaram os líderes a pensar também no aumento das bases muçulmanas como uma estratégia específica de tomada do poder.

Para a Constituição baiana de 1824 o catolicismo constava como a religião do Estado, única com direito a celebrar cerimônias públicas e estabelecer templos às claras. Aos estrangeiros europeus (que professavam o protestantismo, por exemplo) concedia-se direito à liberdade religiosa, desde que exercida privadamente. As religiões africanas eram ilegais, caso policial e não constitucional. Neste sentido os malês viviam na ilegalidade.

O abismo entre o islã e a sociedade baiana era ainda mais profundo por se tratar de uma religião exclusivamente africana e que unia africanos escravizados e libertos. Por não ser uma religião de origem étnica, o islã tinha também o potencial de unir vários grupos étnicos, retirando dos escravistas a vantagem política da divisão entre os africanos. Não representava apenas a ideologia de uma classe – no caso a dos africanos escravizados – mas, muito mais, a de povos, civilizações não-européias; revelava-se para o senhor brasileiro como o retrato do outro de corpo inteiro, não dividido. Na Bahia o islã – como outras expressões religiosas africanas – só por existir subvertia, no mínimo, a ordem simbólica dominante.

Mas é claro que a rebelião de 1835 demonstra que os malês foram além da subversão simbólica.

Dentre as várias alternativas políticas e de vida em ebulição entre os africanos nesse período, o islã tomou a dianteira. Foi o seu momento. Não porque tivesse desde sempre optado por uma revolução social, o que não é tão claro assim, mas porque propunha uma revolução nas vidas de seus seguidores. Tirava deles a vontade de ser escravizados, os impregnava de dignidade, constituía novas personalidades. Só na hora certa os líderes malês orientaram seus discípulos a transformarem o compromisso individual com a religião num compromisso com a rebeldia armada coletiva.



07. O PAPEL DA LIDERANÇA

A perspicácia desses líderes foi fundamental na consolidação de uma estrutura organizacional rebelde. Enquanto o número de conversos e simpatizantes aumentava sem qualquer promessa concreta de revolta, eles avaliavam seus liderados, estudavam as condições políticas, meditavam sobre o melhor momento de rebelar. Para os líderes era importante um momento que associasse considerações de estratégia secular (profana) com o desdobramento da vontade de Alá. Para isso contavam com a confiança e o respeito indiscutível de discípulos a segui-los para onde fossem, sem aviso prévio. Apenas os alufás ou malams detinham o segredo da hora de atacar. Talvez, por isso, só às vésperas do dia marcado – num momento em que as notícias da revolta já corriam a cidade de boca em boca – puderam as autoridades tomar conhecimento dos desígnios dos malês.

É quase certo que a decisão sobre a revolta de 25 de janeiro de 1835 foi tomada entre novembro e dezembro de 1834, depois da prisão do alufá Pacífico Licutan por motivos alheios à revolta e a prisão e humilhação de outro importante mestre, Ahuna. Foi uma decisão calma, calculada, política, que soube conter a emoção da hora da crise. Que soube também, escolher uma hora coerente com o calendário islâmico.

A partir de então a liderança malê iniciou uma sinalização mais definida de seus objetivos. O raio de ação dos revoltosos deveria ultrapassar Salvador. Parecia evidente que uma revolta estritamente urbana não teria futuro, pois deixaria fora o grosso da população africana concentrada nos engenhos e vilas do Recôncavo. A estratégia da rebelião havia, aqui também, sido precedida pela dinâmica da expansão religiosa. Os malês haviam feito adeptos, constituído base no interior. O africano escravizado Carlos confessou: "por todo o Recôncavo estão espalhados comissários a fim de fazer extensiva a mesma sociedade malê... e ouviu de alguns outros pretos em diversas ocasiões dizerem que quando for necessário o rompimento geral, os do Recôncavo viriam socorrer os dessa cidade".

Se os contatos no meio rural não eram novos, foram intensificados durante as semanas que antecederam a rebelião. O papel dos malês libertos foi fundamental nessa tarefa. Manoel Calafate era um dos comissários. A negra Joaquina, moradora do mesmo prédio que o liberto, informou ao juiz de Paz que três dias antes do levante Manoel Calafate retornara de Santo Amaro e desde então, se intensificara o vaivém de africanos em sua loja. Outro comissionado para a Baía de Todos os Santos era o comerciante de fumo Dandaró. Segundo o depoimento de Pompeu, escravizado de um engenho em Santo Amaro, esse mestre o assistia espiritualmente quando visitava o lugar. Aliás, a cidade de Pompeu (Santo Amaro) parece

ter sido o núcleo principal das atividades contra a ordem no interior. De Santo Amaro vieram ele e outros para lutar nas ruas de Salvador em 1835.

08. AS FORÇAS QUE SE OCULTAM SEMPRE PARECEM MAIS PODEROSAS

Durante talvez cerca de um mês os malês foram mantidos sob estado de alerta. A rebelião poderia explodir a qualquer momento. A palavra sobre a data precisa só alcançou os escalões secundários de rebeldes com poucos dias ou, para muitos, poucas horas de antecipação. Lançavam-se mão deste expediente de segurança certamente para reduzir ao máximo a ação dos delatores.

Acreditamos então que apenas um grupo pequeno dos rebeldes detinha informações completas. Eram os mestres e seus colaboradores mais próximos. Parece indiscutível que o aviso final para o levante partiu deles.

Se cada mestre orientou seus alunos na revolta, a última palavra parece ter sido pronunciada por Mala Mubakar que segundo a tradução de um manifesto escrito em árabe teria conclamado todos os malês para a luta, garantindo-lhes invulnerabilidade física diante do inimigo. Segundo Nina Rodrigues ouviu de um velho alufá, Mubakar chamava-se Tomé na terra de branco e em 1835 ocupava o cargo de almani da Bahia, ou seja, era o líder espiritual máximo da comunidade malê.

A data escolhida para a rebelião foi o domingo da festa de Nossa Senhora da Guia. A escolha tinha óbvias razões estratégicas, prova de que a liderança da revolta era conhecedora dos costumes dos moradores de Salvador. Com efeito, a festa levaria para a distante localidade do Bonfim um grande número de pessoas, especialmente homens livres. Boa parte do corpo policial também iria para lá, com o objetivo de controlar os excessos do povo. Dada a distância e precariedade dos transportes e vias de acesso, ia-se ao Bonfim, na época, para ficar pelo menos todo o fim de semana na festa. Vazia de homens livres e policiais a cidade se faria fácil presa. Esse o primeiro elemento dos cálculos dos rebeldes.

Mas havia outras razões, menos mundanas, para a eleição daquela data, o 25 de janeiro. A rebelião foi planejada para acontecer num momento especial do calendário muçulmano, na verdade o mais importante do ano: o Ramadã. Era o final do mês do jejum, uma data inclusive muito próxima da festa do "Lailat al-Qadr", expressão traduzida para os idiomas ocidentais ora como "Noite da Glória", ora como "Noite do Poder". O "Qadr" é celebrado em toda a África Ocidental no 27º dia do Ramadã.





Com efeito, o Lailat al-Qadr encerra o Ramadã. Na África Ocidental se acredita que nessa noite Alá aprisiona os djins (espíritos) para livremente reordenar os negócios do mundo. O Qadr constitui a sura 97 do Alcorão, que é curta e bela. Sua leitura deve ter inspirado os rebeldes de alguma forma:

*Revelamos o Alcorão na Noite da Glória.
Quisera soubessem vocês como é a Noite da Glória!
Melhor que mil meses é a Noite da Glória.
Nessa noite os anjos e o Espírito têm
Licença do Senhor para descer com seus decretos.
Essa noite é de paz, até o romper do dia.*

Não há dúvida. Para os malês, a rebelião de 1835 fez parte do programa de comemoração do Ramadã, seria uma celebração, primeiro ato de uma nova era. Este estado de festa se expressa nos termos usados por muitos rebeldes para definir a rebelião, termos como folguedo, brincadeira, brinquedo. A linguagem lúdica, coerente com as culturas africanas que formaram o Novo Mundo, faz supor que religião, política e festa se confundiam na visão de mundo malês e com certeza de outros africanos. É importante ressaltar este aspecto, sobretudo porque ele não se encaixa na perspectiva daqueles que interpretam o islã africano na Bahia a partir do (pré)conceito de um islã sisudo e triste. Assim, do ponto de vista malê, em 1835 se posicionariam ao lado do mal os sérios defensores e membros integrados da sociedade branco-escravista; ao lado do bem os apocalípticos militantes do islã, em plena alegria por estarem a serviço da justa transformação do mundo.

Protegidos por amuletos, abadá e a palavra de seus mestres religiosos, agindo em sintonia com uma conjuntura cósmica favorável, os malês foram à luta com enorme esperança de sucesso. "A vitória vem de Alá. A vitória esta perto. Boas novas para os crentes"- prometia o texto fortemente milenarista de um amuleto confiscado pela polícia. Mas vitória contra quem, exatamente? E o que fazer da vitória?

É difícil imaginar como seria a Bahia com os malês no poder. A revolta previa uma Bahia só de africanos. Segundo um dos documentos árabes traduzidos pelo africano haussá Albino, "a gente havia de vir do bairro da Vitória tomando a terra e matando toda a gente da terra de branco".



“os rebeldes pretendiam romper com a dominação branca e viam mulatos e crioulos como cúmplices – não vítimas como eles – dessa dominação. Mas acreditamos que caso a história tivesse dado chance, uma vez no poder os africanos terminariam por estabelecer um modo de vida com os afro-baianos, como aconteceu no Haiti, por exemplo. Talvez impossível fosse fazer a paz com os brancos. O movimento foi definido antes de mais nada como um folguedo de matar branco. ‘Guerra aos brancos’, ‘matar os brancos’ e outras expressões do gênero foram as mais frequentes nos depoimentos dos africanos presos. Nem crioulos nem mulatos foram objeto de tanta atenção dos insurgentes de 1835”.

Se por um lado a “gente da terra de branco” era toda considerada adversária dos rebeldes, por outro lado a rebelião se baseava no princípio de que todo africano representava um aliado potencial.

A rebelião foi planejada como uma aliança entre malês e demais africanos; e efetivamente não foram apenas os malês que saíram às ruas naquela madrugada de 25 de janeiro. O levante interessou a africanos de diversas origens e tendências religiosas, e seus organizadores contavam exatamente com a constituição desse africano. E era natural que assim fosse, senão por tolerância ideológica, pelo simples fato de que os malês sabiam que representavam uma minoria entre os africanos, e minoria ainda no conjunto dos habitantes da Bahia. Sozinhos não tomariam nem uma freguesia, quanto mais uma província. Pretendiam levantar os africanos escravizados na manhã daquele domingo, 25 de janeiro, e para isso não sairiam exigindo identidade de malê aos que quisessem entrar no “folguedo”.

“não negamos a hegemonia dos malês no bloco rebelde, negamos sua solidão. O cenário que imaginamos para os eventos de 1835 é o seguinte: uma vanguarda malê responsável pela idealização e início da revolta; um segundo grupo de parceiros de trabalho, amigos e simpatizantes dos malês mobilizados às pressas por estes algumas horas antes ou no calor da própria luta; finalmente, o pessoal que se lançou na insurreição por conta própria, gente que acordou com o barulho na rua, saiu, olhou, conferiu e decidiu participar. Neste cenário os malês lutam ao lado de kafir (descrente, infiel, pagão para os árabes), de cultuadores de voduns e orixás. Principalmente estes últimos. Se quisermos definir resumidamente o movimento de 1835, podemos dizer que a conspiração foi malê e o levante foi africano”.

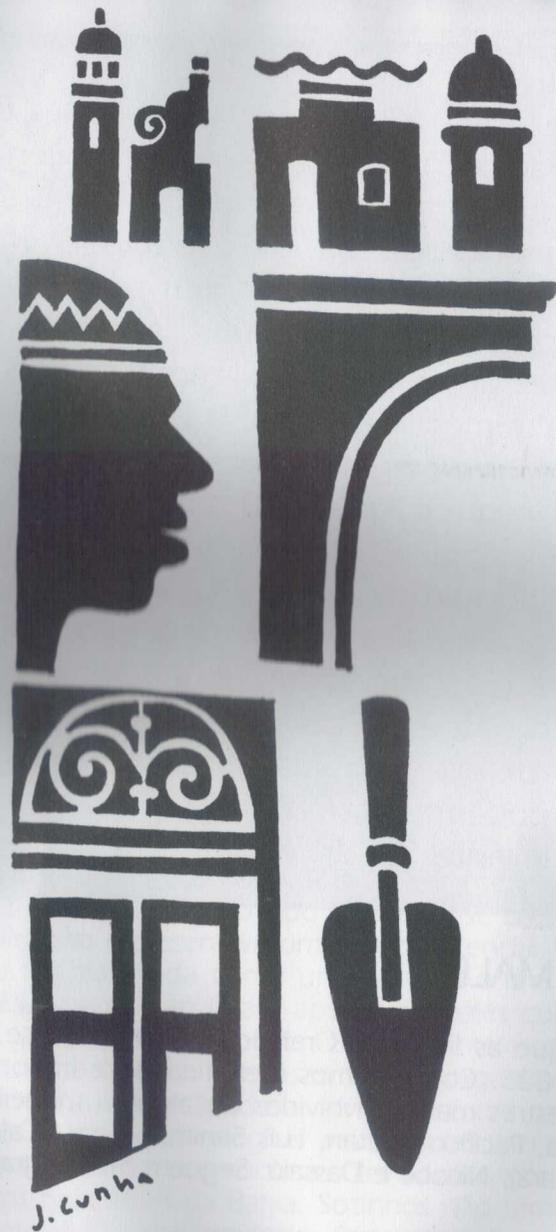
09. PERFIS MALÊS

Está claro, que as lideranças religiosas e políticas se fundiram no movimento de 1835. Conseguimos identificar sete importantes líderes muçulmanos, mestres malês envolvidos de alguma maneira na revolta. Eram eles: Ahuna, Pacífico Licutan, Luis Sanim, Manoel Calafate, Elesbão do Carmo (Dandará), Nicobé e Dassalú. Seguem minibiografias de alguns desses alufás.



AHUNA. Talvez o rebelde mais procurado pelas autoridades baianas em 1835. Ele tinha “estatura ordinária”, segundo uma descrição, e carregava





em cada lado do rosto quatro cicatrizes, marcas tribais. Era nagô. Sabemos da boca de muitos dos africanos presos que ele representava um elo importante da trama. Os africanos se referiam a Ahuna como o "maioral". O curioso sobre Ahuna é que foi o único líder malê que os africanos em seus depoimentos, depois de presos, qualificaram de "maioral", apesar dos freqüentes comentários que fizeram a respeito de outros alufás. Ele era, talvez, o homem-chave em 1835. É possível que Ahuna tenha sido o almani da Bahia àquela época, talvez o mesmo Mala Mubakar que falamos antes. Uma outra possibilidade é que fosse um babá malami ou um "grande malam" na expressão haussá.

 **PACÍFICO LICUTAN.** Ele foi descrito como um homem idoso, alto, magro, barba rala, cabeça e orelhas pequenas, "com sinais perpendiculares, outros transversais na cara". Uma figura impressionante, sem dúvida. Era de origem iorubá, trabalhava como enrolador de fumo no Cais Dourado e morava no Cruzeiro de São Francisco. Pacífico Licutan era um alufá estimadíssimo, um homem de grande influência e poder na comunidade africana da Bahia. Ele fora preso em novembro de 1834. Até uma certa altura desse encarceramento, ainda se pensava em alforriá-lo quando fosse a leilão em praça pública. Depois de marcada a data da rebelião, Licutan foi informado de que seria libertado de uma vez ao final do Ramadã. Realmente, durante o levante os rebeldes tentaram libertá-lo à força, mas sem sucesso.

Durante o interrogatório a 11 de fevereiro de 1835, Licutan recusou revelar o nome de qualquer colaborador ou discípulo seu. Negou até que ele próprio fosse muçulmano, apesar de toda prova ao contrário. Ao mesmo tempo manteve diante de si próprio, dos outros africanos que aguardavam para depor e dos interrogadores a dignidade e identidade malê. Disse ao juiz chamar-se Bilal, ao que a autoridade retrucou furiosa saber que seu nome africano era na verdade Licutan. O juiz, por ignorância, perdeu o detalhe de que Bilal é um nome islâmico muito comum e, no caso do réu, um nome carregado de singular sentido simbólico. Na tradição muçulmana Bilal é o nome do auxiliar (müezzin) negro do profeta Maomé e na África Ocidental Bilal tornou-se a própria designação do cargo de muezzin (literalmente o assistente que puxa os fiéis na reza). Como observamos, a revolta continuava viva no coração de Licutan, ou Bilal, apesar do insucesso no campo de batalha.

 **SANIM.** Em 1835 Sanim já havia atingido avançada idade, era homem de "estatura ordinária", testa larga, cabelos brancos, barba cerrada e "mãos foveiras". Como Licutan, também era escravizado e trabalhava enrolando



fumo. Uma grande amizade ligava os dois malês: quando Licutan foi preso, Sanim passou a levar-lhe comida na prisão. Sanim morava na rua do Pão-de-Ló. Apesar de seu longo cativeiro na Bahia – a contar por sua idade aparente – ele mal sabia falar português. No entanto, segundo diversas testemunhas, falava fluentemente tanto o haussá como o iorubá, apesar de ser de origem nupe (“tapa”, na Bahia). Era um homem versátil, com trânsito em várias culturas, um homem culto.

O campo de atuação de Sanim era a casa dos libertos Gaspar e Belchior da Silva Cunha. Ele “era Mestre de ensinar a ele e aos outros a reza de Malê”, afirmou o discípulo Belchior ao juiz. Mas Sanim era também uma pessoa prática. Organizou, por exemplo, uma “junta”, espécie de caixa de poupança. O dinheiro da junta se dividia em três partes: uma para comprar pano e fazer roupas muçulmanas; outra para pagar diárias devidas aos senhores pelos escravizados (talvez as diárias dos mestres, ou de todo escravizado malê nas sextas-feiras, quando não se deve trabalhar, mas rezar); e uma terceira parte para ajudar na compra de cartas de alforria.



MANOEL CALAFATE. O fato de que era respeitosamente tratado de “pai Manoel” por seus discípulos indica que também era um homem de idade em 1835. Ele era liberto, de origem iorubá, calafate por ofício. Morava na casa da Ladeira da Praça, onde a insurreição começou, com outro liberto nagô, o carregador de cadeira Aprígio. A casa era um ativo centro de reuniões muçulmanas.

Manoel Calafate foi inegavelmente um personagem importante no esquema insurrecional.

Recordamos sua viagem a Santo Amaro às vésperas do levante para mobilizar gente. Lembramos também o juramento que seus discípulos faziam de morrer na luta com o mestre. Pai Manoel foi talvez o único alufá a participar ativamente da luta, e parece ter morrido de ferimentos recebidos na Praça do palácio pouco depois do início do levante. É o que sugere o testemunho de um comerciante: “... vira o preto Manoel Calafate subindo a ladeira da Praça cutilar a um soldado e depois tornara a entrar ferido para a mesma casa dos insurgentes”.



ELESBÃO DO CARMO, O DANDARÁ. O liberto Dandaró era o mais próspero dos mestres. Morava no Caminho Novo do Gravatá com Emerecliana, sua mulher. Ele possuía uma loja de negociar fumo no mercado de Santa Bárbara, freguesia da Conceição da Praia. Ai reunia discípulos para orações e aulas de árabe.

No interrogatório foi o único a reconhecer-se “Mestre em sua Terra”, acrescentando “que aqui tem ensinado os rapazes, porém que não é para

o mal”. O Mestre era um dos representantes do islã no Recôncavo, para onde sempre viajava a negócios.

As autoridades produziram seis testemunhas das atividades muçulmanas de Dandaró. Uma delas, o alfaiate Luís da Franca, morador do andar de cima da loja de Santa Bárbara, costumava bisbilhotar o Mestre através das tábuas frouxas do assoalho “e muitas vezes viu estar este com umas contas grandes a rezar esfregando-as nas mãos e gritando para o céu”. Mas a acusação mais comprometedoras referia-se a um bom número de Parnaíbas que uma testemunha vira guardadas na loja do líder malê. Estas compridas armas brancas foram sem dúvida usadas durante os combates de 1835.



HOMENS COM BARAKA

O perfil da liderança muçulmana em 1835 demonstra a tendência democrata em geral atribuída ao islã no recrutamento de seus porta-vozes espirituais e eventualmente políticos. O islã pode ser machista, o que limita sua democracia, mas não é aristocrático. Na África Ocidental, com exceção de mulheres e escravos, qualquer um podia tornar-se um alim – um conhecedor do islã, um clérigo – bastando que “recebesse treinamento suficiente para ser legitimado socialmente”. Na Bahia a “democracia malê” foi mais longe, pois não apenas os homens livres tinham o privilégio de dirigir os filhos de Alá.

Com efeito, os alufás que conseguimos identificar eram na maioria escravizados. E eram todos respeitados e dignificados pela comunidade africana como normalmente o são as pessoas consideradas mais próximas dos deuses. Ahuna, Licutan, Sanim e Nicobé – todos escravizados – eram homens com baraka (poder espiritual, místico), isso era o que importava. Suas idades avançadas aumentavam-lhes o prestígio, porque os africanos sabem respeitar, a sabedoria dos velhos. Qualquer preconceito porventura existente entre os africanos contra escravizados de um modo geral – já que ser escravo não era a única condição social africana na Bahia, havendo a categoria dos libertos – se dissolvia em se tratando desses velhos malês.



10 - GLOSSÁRIO

- ABADÁ:**
ou agbada em Iorubá, roupa branca longa, espécie de camisola usada pelos malês.
- ALĀFIN:**
título do rei de Oyo, reino Iorubá.
- ALMAMI:**
líder religioso máximo da comunidade malê, equivalente ao iman árabe.
- ALUFÁ:**
mestre malê, corruptela do termo sudanês-ocidental *alfa*. Mesmo que *mu'allim* (árabe) ou *marabout* ou *alim*.
- BABBA MALĀMI:**
grande malam (haussá).
- BARAKA:**
poder espiritual, místico. Significa também bênção. O ato de transmissão desse poder.
- BILĀL:**
o assistente ou muezzin negro de Maomé, aquele que dirige as rezas. Na África Ocidental *bilāl* passou a ser nome do próprio cargo de assistente.
- DJIN:**
espírito (árabe).
- IMALĒ:**
termo Iorubá para o islã ou muçulmano.
- ISKA (PL. ISKOKI):**
vento ou espírito haussá. Mesmo que o árabe *djin*.
- JAMAA:**
comunidade muçulmana, assembleia local (árabe).
- JEJE:**
termo como se conhecia o africano de origem ewe (Daomé) na Bahia.
- JIHĀD:**
guerra santa muçulmana contra heréticos e pagãos (árabes).
- KAFIR (PL. KAFIRI):** descrente, infiel, pagão (árabe).
- Lailat al-Miraj:**
noite de ascensão do profeta Maomé ao céu, 26 de Rajab (sétimo mês muçulmano).
- Lailat al-Qadr:**
noite da Glória ou Noite do Poder, festa de encerramento do Ramadã, mês do jejum.
- Malâm:** *mu'allim* ou *alim* (árabe): clérigo, mestre.
- Malê:** termo como se conhecia o africano muçulmano na Bahia. De *imalê* (Iorubá).
- Muezzin:** assistente que puxa as rezas (árabe).
- Nagô:**
termo como se conhecia o africano de origem Iorubá na Bahia.
- Oba:** chefe local Iorubá.
- Ogboni:** conselho do *alāfin*, rei de Oyo.
- Ologum:** mesmo que *olorogum*, título de chefe guerreiro em Oyo.
- Patako:**
termo Iorubá para a prancheta de escrever muçulmana. Outros termos usados são *wala* (Iorubá) e *allo* (haussá).
- Tapa:** termo como se conhecia o africano de origem nupe na Bahia.
- Tessubá:** rosário malê (Iorubá).
- Tira:** termo Iorubá para o amuleto malê. A palavra *tiá* é sua corruptela baiana.

ANTOLOGIA POÉTICA

LEVANTE DE SABRES AFRICANOS

Guellwaar & Moa Catendê

Levante de Sabres... a noite caiu,
(A noite da glória talvez)
Na hora da verdade de grandes sábios malês
Com fúria e sonhos na tez.
1835 voltas do mundo malê,
Um sonho tão belo foi subtraído.
Mas ressoa no coro do majestoso Ilê
Por toda cidade vitorioso.

Cantel

Vibre!

Ninguém cala a boca de Babba Almami
(Carcará)

O poder era o fim e a rainha esquecida Luiza Mahin
Temperou a revolta no tempo da memória;
Em nome de Allah ser o dono da terra
Para calafatear nosso caminho.
Só quem tem patuá não tem medo da guerra
Escorrega, levanta e nunca está sozinho.
Alufás: Dassalú, Dandará, Salin,
Licutan, Nicobé, Ahuna...



REFERÊNCIA QUILOMBOLA

Adailton Poesia & Valter Farias

Salve, salve, salve, salve o Ilê
Salve, salve, salve, salve a África
Mãe África que saudade de você
Pra não sofrer, fiz o levante malê

A história nos revela em poesia
Um processo de magia
Que eclodiu em Salvador
Levante ou rebelião escrava
Noite de poder e glória
Liberdade no clamor
Ao sol da madrugada
Licutan, Ahuna, Calafate
Entre outros por Allah
O tempo faz a força na memória
Referência quilombola
Numa vitória singular

África malê, África malê, África malê
Curuzu, Liberdade Ilê Aiyê

Ao inexplicável Allah
Honra, fé e poder
Que o Ilê traz em ciência
A Revolução Malê
Pela unidade afro
Contra um povo desumano
Um marco a história fez nascer
Pois os negros islamizados
De abadá se rebelaram
Com a licença do Senhor
Da casa de Calafate
O caminho da liberdade
As ruas de Salvador

GRITO DE VITÓRIA

Dico & Jajai

Ilê traz do passado ao presente
A bravura dos negros muçulmanos
De origem africana

Homens de fé e coragem
Exigiam o direito de igualdade
Religiosamente pela liberdade

Cansados de seus opressores
Que escravizaram a negra cor...
Formaram uma revolução em Salvador

A rebelião dos malês
Ecoou o seu grito de vitória
Pacífico Licutan
Entrou para a história

E hoje o Ilê Aiyê levantando
A bandeira cultural
Lembrando levante malês
No carnaval

Em busca de igualdade eu vou
Fazer protestos e manifestações
Enquanto há vida existe esperança
Vamos alcançar a liberdade irmão



SALAMALÊCO

Rita Mota

É salamalêco
salamalêco Ilê Aiyê
salamalêco

Foi na cidade da Meca
Atual Arábia Saudita
Onde tudo começou
Gabriel disse Maomé
É Alá o nosso protetor

E toda notícia se espalhou
Foi da Meca para África Ocidental
E aqui no Brasil em Salvador
Haussás e Nagôs
E o Malê Calafate reuniu
Muçulmanos em uma oração
Ensinou-lhes doutrina do Alcorão
Fez a Rebelião

O que nos deixa triste Ilê
São os conflitos do dia a dia
Alá não quer guerra
Alá quer ver paz e harmonia

É salamalêco
salamalêco Ilê Aiyê
salamalêco

Salamalêco : Deus esteja com vocês
Maomé: Profeta
Gabriel: Anjo
Calafate: Grande mestre Malê, articulador do movimento. Muito
respeitado pelo seus seguidores (discípulos).
Alcorão: Livro sagrado

ILÊ MAGISTRAL

Sílvio Almeida & Davizinha

Magia tem todos os dias o sol da manhã
O sol da manhã
Tão lindo que as flores do campo só fazem chorar
Em gotas de orvalho
Retumbante é o canto dos pássaros
Emocionantes abelhas e o mel
Tudo é belo e encantador no verde paraíso

Divino, rico, persistente assim é o Ilê
E sempre será
Sendo supremo é intitulado o herói lutador
Em Salvador
No deserto será sempre oásis
No sertão será sempre acude
E da negritude será sempre instrumento cultural

Magistral, Ilê Aiyê, Magistral
Oh, divino Ilê, rei da natureza, tu és Magistral

Se o céu é azul, azulado é o infinito do mar
Oh supremo Ilê
A mãe natureza não pode deixar de verdejar

Magistral, Ilê Aiyê, Magistral
Oh, divino Ilê, rei da natureza, tu és Magistral



RAÇA ILÊ

Wilson Ramos, Jorge Garcia & Nai

Você vê o meu jeito de ser
Acha que sou exótico
Se lhe causa inveja o Ilê
Culto Afro Histórico
Simplesmente eu vou ter que dizer
És um cara neurótico
Altamente careta, não vê que a preta transmite magia
E o Ilê Aiyê Curuzu Salvador representa a Bahia
Sua dúvida aumenta quando você quer ser melhor do que a gente.
Se a discriminação é um mal no Ilê isso é diferente

Toda raça Ilê é um povo só
Eu já me entreguei e garanto a você que
Estou bem melhor

Se não está satisfeito, procure dar um jeito
Em você criatura eu vou curtir no Ilê 'tou
Querendo dizer que ninguém me segura
Saio sábado à noite somente porque sei
que algo me espera pra subir o Curuzu
Junto com o Ilê arrastando a galera.

ILÊ CORAL NEGRO

Narcizinho

Olha só que negro lindo
E bonito de se ver
Vem dançar minha negra linda
No meu Bloco Ilê Aiyê África.....

Ilê o coral negro Curuzu
Ilê Aiyê amo você
Na veia no sangue
Na pele na cor
Africano na aldeia
Minha origem é Nagô. África.....

Vou sem destino
Vou seguindo o meu caminho
Sei que não estou sozinho
Minha preta
Ilê Aiyê é fogo ardente da paixão
Que me aquece o coração
E não me deixa Ilê Aiyê...



SÓ O PENSAMENTO

Reizinho & Toinho do Valle

Eu não consigo viver
Sem o Ilê Aiyê
Preciso urgentemente te encontrar
Eu caminho sem destino por ai
Só o pensamento
Faz lembrar

Quero saber
Do Ilê Aiyê onde andarás
Quero fazer
Um só momento pra nós dois
Não tem cachoeira, rio nem mar
Que cesse a minha
Sede de te amar

Porque não vem
Viver pra mim
É só dizer sim
E se entregar

A esse amor
Que me marcou
E não largou
Do meu coração

DIMBÊ DO ILÊ

Guiguio, Joyce Lee & Cezar Queiroz

Dali, dali, dali, dali Ilê
Dali, dali, dali, dali Ilê Aiyê

Sei que bonito lindo
Mas não vou me convencer
Porque sei que é impossível
Ser mais bonito que o Ilê

Dimbê, Timbau, Xequerê, Xeueu
Pro Ilê Aiyê eu tiro meu chapéu

Seu trançado no turbante
Seu penteado elegante
Seu batuque emocionante
É bonito como quê



12 - SUGESTÕES DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

ANA CÉLIA DA SILVA

a) Complete as frases seguintes:

1. Mulsulmis, muçulmanos, maometanos, filhos de Allah, são denominações atribuídas aos
2. Os malês procedem dos povos...
3. Os muçulmanos viviam em todo o Brasil, principalmente em...

b) Numere quantas vezes forem suficientes a segunda coluna de acordo com a primeira.

1. Nagôs () tinham como cidades principais Kono, Daoura, Gabu, Katsina,
2. Haussás () viviam nas cidades de Oyó, Benin, Dahomé
3. Ewês e fons (jejes) () a organização familiar tem uma linha de sucessão matrilinear
4. Mandingas () são originários do Dahomé, hoje Benin
() têm sociedades secretas que presidem as atividades políticas e religiosas
() vêm do reino do Mali, malinké
() vivem no Alto Senegal e no Alto Níger
() praticam a religião tradicional dos Orixás
() sociedade organizada em forma de linhagens

3. Desenhe um mapa da África e situe nele as regiões onde se originaram os povos Nagôs, Haussás, os Ewês e Fons (jejes) e os Mandingas.

4. Pesquisa:

Solicite aos alunos divididos em pequenos grupos que pesquisem as músicas o blo afro Ilê Aiyê que falam do Mali e da Revolta dos Malês e as apresentem em aula através das atividades de declamação, canto, jogral ou dramatização.

5. O abadá era a roupa branca utilizada pelos Malês durante suas rezas e rituais. O abadá estilizado é muito utilizado no carnaval baiano, é uma influência dos Malês. Solicite aos alunos que realizem um desfile com os abadás usados nos blocos afros e afoxés no carnaval da Bahia, com destaque para o abadá comprido e branco dos Malês e façam uma redação sobre essa vestimenta.

6. Faça a leitura do texto sobre a Revolta dos Malês e responda as seguintes questões:

- Qual o objetivo da Revolta dos Malês?
- Quais os segmentos que participaram dessa revolta?
- Que festa baiana foi escolhida para o início da revolta? Por quê?
- Quais os nomes dos líderes da Revolta dos Malês?

7. Distribuir o texto sobre a biografia dos líderes da revolta e sortear a biografia de cada líder para uma equipe. Realizar um mini-seminário para cada equipe apresentar a vida do líder Malê que estudou.

8. Solicitar a cada equipe que faça um retrato falado do líder que apresentou, através da descrição do texto e expor o retrato em sala de aula e mural da escola, juntamente com os outros materiais construídos durante o estudo dos textos.



13 - BIBLIOGRAFIA

- 1) Ki-Zerbo. História da África negra. De Ontem a amanhã. Livraria A Hatier Paris. 1978
- 2) Sankofa. Resgate da Cultura Afro-Brasileira Vol. 02 – Rio de Janeiro. Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras. (SEAFRO) Org. Elisa Jarkim Nascimento
- 3) Rodrigues, Nina. Os Africanos no Brasil. São Paulo, Ed. Nacional. 1977
- 4) Historia Geral da África. Metodologia e Pré-Historia da África. Coordenador do Volume. J.Ki-Zerbo. São Paulo. África. Paris. Unesco. 1982
- 5) Reis, João José. Rebelião Escrava no Brasil. A História do Levante dos Malês. 1835. São Paulo. Editora Brasiliense. 1986
- 6) Lopes, Nei. Malês O Islã Negro no Brasil. In: A matriz Africana no Brasil. Sankofa Resgate da Cultura Afro-Brasileira Vol. 1. Rio de Janeiro. Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro Brasileiras SEAFRO. Org. Elisa Jarkim Nascimento. Bantos, Malês e Identidade Negra. Ed. Forense Universitária. RJ., 1988.
- 7) Nascimento, Abdias. Gabinete do Senador Abdias Nascimento Brasília. 1977. Thoth nº 3. Escriba dos Deuses. Pensamento dos Povos Africanos e Afro-Descendentes. As Civilizações Africana no Mundo Antigo. Org. Elisa Jarkim Nascimento
- 8) Duncan, k Quince e Lorein Powell. Iorubá e Prática do Racismo. Coleccion Analises Departamento Ecumênico de Investigadores. San José. Costa Rica. 1988.
- 9) Maquet, Jacques. Civilizações da África Negra. New York. Oxford University Press. London, Toronto. 1972
- 10) Paulme, Denise. Los Civilisations Africaines. Presses Universitaires de Franca. Paris. 1959.
- 11) Verger, Pierre. Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX. Editora Corrupio. São Paulo. 1987.
- 12) Ramos, Arthur. As Culturas Negras no Novo Mundo. Companhia Editora Nacional. Brasília. Vol. 249. São Paulo. 1979.

FICHA CADASTRAL

Amigos e parceiros, para que possamos conhecê-los melhor e mantermos contato, favor preencher esta ficha e enviar para nossa entidade.

Rua do Curuzu, 197 - Liberdade - Cep. 40365-000 - Salvador - Ba.

Telefax: 388.4969 / 256.1013

E-mail: ileaiye@uol.com.br

NOME.....

ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....

ENDERECO.....

TELEFONE.....

E-MAIL.....

ENTIDADE.....

DATA DE FUNDAÇÃO.....

PROJETO SOCIAL.....

NÚMERO DE ALUNOS.....

ENDERECO.....

TELEFONE.....

E-MAIL.....

FAX.....

HOME PAGE.....

DIREÇÃO.....

NÚMERO DE EDUCADORES.....

FAX.....

HOME PAGE.....

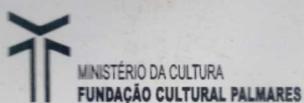
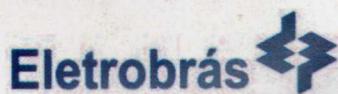


CADERNOS DE EDUCAÇÃO DO IIÊ AIYÊ

EDIÇÕES ANTERIORES:

- 1- Caderno de Educação
Organizações de Resistência Negra
- 2- Caderno de Educação
Civilização Bantu
- 3- Caderno de Educação
Zumbi 300 Anos
- 4- Caderno de Educação
A Força das Raízes Africanas
- 5- Caderno de Educação
Pérolas Negras do Saber
- 6- Caderno de Educação
Guiné Conakry
- 7- Caderno de Educação
Revolta dos Búzios - 200 anos
- 8- Caderno de Educação
Terra de Quilombo
- 9- Caderno de Educação
África, Ventre Fértil do Mundo





REPARAÇÃO JÁ!